

O funcionamento do ideológico em discursos jornalísticos

p. 26 - 34

Amanda Beatriz Gomes de Souza¹

Maria Cleci Venturini²

Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar discursivamente a linguagem científica em textos jornalísticos, buscando saber como funciona a ideologia. O corpus de análise constitui-se de dois textos da revista *Veja*, que enfocam a Copa do Mundo, intitulados: “Dilma é só empolgação à espera de sua ‘Copa das Copas’” e “Brasil, 100 dias para a Copa do Mundo. Sem dias a perder”, ambos divulgados em 04 de março de 2014, encontrados no site <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte>. Na perspectiva teórica, a partir da qual realizamos o nosso gesto analítico, o sujeito do dizer sempre é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e os sentidos sempre podem ser outros. Esse pressuposto instaura uma relação tensa entre a suposta objetividade pretendida pelo texto jornalístico e a subjetividade não-subjetiva presente no texto jornalístico, o qual, em tese “deveria” restringir à mensagem necessária para o entendimento do documento. A partir de estudos teóricos da Análise de Discurso e analisando textos veiculados pela revista *Veja*, problematizamos a pretensa objetividade e verificamos como na/pela língua se constituem evidências de que o sentido é homogêneo e de que o sujeito não se atém ao que pode/deve dizer.

Palavras-chave: Discurso, sujeito, não-dito; heterogeneidade.

The ideological working in speeches journalistic

Abstract

The objective of this study is to analyze discursively scientific language in newspaper articles, to find out how ideology works. The corpus consists two texts the magazine *Veja*, that focus on the World Cup, entitled: “Dilma only excitement waiting for their ‘World Cup of the Cup’” and “Brazil, 100 days to World Cup. Without days to lose”, both released on March 4, 2014, available en the website <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte>. In theory, from which we conducted our analysis, the subject who says is questioned by ideology and by unconscious and the senses can always be other. This presupposition introducing a tense relationship between the supposed objectivity required by the journalistic text and the subjectivity not subjective this in the journalistic text that should restrict only the message necessary for understanding. From theoretical studies about Discourse Analysis and analyzing texts served by magazine *Veja*, problematize the desired objectivity and looked like in / by constitute evidence that meaning is uniform and that the subject does not adhere to what can / should say. .

Key-words: Language policies. Bilingualism. Literacy. Identity

1 Possui graduação em Secretariado Executivo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste(2010), graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste(2011). Atualmente é mestranda em Letras pela mesma instituição.

2 Doutorado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil(2008) Professor concursado da Universidade Estadual do Centro Oeste , Brasil.

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido com vistas a problematizar a pretensa objetividade do discurso científico, perguntando como na/pela língua na história se constituem evidências de homogeneidade da língua, centrando-se no fato de o sujeito não se ater ao que pode/deve dizer. O corpus constitui-se de dois textos da Revista Veja em torno da Copa do Mundo, intitulados: “Dilma é só empolgação à espera de sua ‘Copa das Copas’” e “Brasil, 100 dias para a Copa do Mundo. Sem dias a perder”, ambos divulgados em 04 de março de 2014 e veiculados no site <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte>.

O nosso objetivo, com este trabalho, é analisar discursivamente a linguagem científica de textos jornalísticos, recortando o título dessas materialidades e os textos-imagem que funcionam nelas. Por meio do primeiro recorte – título das matérias – priorizamos o funcionamento da língua como o lugar da falha e da falta, que encaminha para a heterogeneidade. De modo mais específico, recortamos materialidades discursivas que circularam na mídia a partir do funcionamento da ideologia, da memória e das formações discursivas (doravante FD), vinculadas às condições de produções das imagens em tela e aos sujeitos divididos e constituídos pelos dois esquecimentos (chamados de n^o 01 e de n^o 02) destacados por Pêcheux (2009) e por Orlandi (2003).

O suporte para a concretização deste estudo é a pesquisa bibliográfica centrada nos fundamentos teóricos da Análise de Discurso (doravante AD), tal como é trabalhada por Pêcheux, fundador da teoria e por Orlandi que o relê e propõe avanços e deslocamentos. A partir dessa perspectiva teórica mobilizamos noções que sustentam as análises. Nesse trabalho, aliamos teoria e prática, focando, dessa forma, nos artigos

da Revista Veja, destacando as divergências entre a noção de escrita objetiva dos textos jornalísticos e a noção de subjetividade não subjetiva da AD.

O discurso jornalístico e a Análise de discurso: fundamentação teórica

O sujeito do dizer, no texto jornalístico, teria, tendo em vista o suporte e a sua função na formação social, por objetivo passar apenas a mensagem necessária para o entendimento do documento, com objetividade e clareza, sem expor sua opinião, o que sinalizaria para a inexistência de subjetividade e, portanto para um sujeito responsável pelo que é dito. A comunicação jornalística, de acordo com Lage (1999, p.39), é, (2004).

[...] por definição referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isto impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa. As exceções são poucas: reportagens- testemunho, algumas crônicas textos intimistas para grupos restritos.

Isso significa que na perspectiva do discurso jornalístico, há a exigência do uso da terceira pessoa que instaura a impessoalidade, apagando o sujeito do dizer e encaminhando para efeitos de homogeneidade no que tange à língua, a qual se pautaria na clareza e na objetividade, especialmente, no texto *online*, em que os sujeitos procuram informações rápidas, conforme explicado por *The Online Journalist apud Ward* (2006, p. 115)

Todas as reportagens devem ser escritas de forma clara e acessível - nós escrevemos para um público generalizado e globalizado. Não devemos assumir muito conhecimento. A importância da reportagem- por que devemos nos importar - precisa ser hasteada o quanto antes, assim como o impacto sobre pessoas comuns. Diga isso a todo momento!

A referência ao discurso imparcial e à clareza da língua encaminha para um discurso sem sujeito, no qual não haveria interpelação ideológica. Este é um pressuposto a ser questionado neste trabalho, tendo em vista que nos ancoramos teoricamente na AD, de orientação francesa, na qual o sujeito é uma categoria sempre presente. Segundo Pêcheux (2009), as ideologias constituem os indivíduos em sujeito, não havendo discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Nesse sentido, Orlandi (2003) reitera que não há sentido que não seja determinado ideologicamente.

Destacamos, a partir desses dois autores, que o sujeito se constitui pela ilusão adâmica de ser a fonte do sentido e de que a linguagem é heterogênea, isso porque o sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, enquanto autor. Há, também, além daquele que escreve um leitor, que nessa perspectiva é também sujeito, portanto, assujeitado ideologicamente e afetado pelo inconsciente. Nesse funcionamento, conforme afirma Orlandi (2003, p. 48), “[...] nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem num processo em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.” Assim, torna-se possível compreender Pêcheux (2009, p. 146), quando afirma que,

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Isso significa dizer que as palavras não têm sentidos “próprios”, elas adquirem sentido no seu funcionamento, ou seja, de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos que as empregam (formação ideológica) e nas relações que estas

palavras mantêm com outras palavras dentro de uma determinada formação discursiva.

A formação discursiva determina o que o sujeito pode ou não dizer a partir de uma determinada formação ideológica, que se constitui como o lugar material da língua nos discursos. Pêcheux (2009, p. 147), define a formação discursiva como “aquilo que, numa *formação ideológica* dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito [...]*”.

O sujeito-autor “pensa” que escolhe conscientemente as palavras empregadas para atingir determinados fins, e isso ocorre devido à sua ilusão de ser a origem do dizer, à medida que é afetado pelos dois esquecimentos, que Pêcheux (2009) e Orlandi (2003) aludem, ou seja, esquecimentos da ordem da enunciação, o dizer só pode ser um e da ordem do inconsciente, os dizeres significam antes em outro lugar.

Orlandi (2003) trata as ilusões decorrentes dos dois esquecimentos, não como defeitos, mas sim como necessárias para o funcionamento da linguagem nos sujeitos e para a produção de efeitos de sentidos. O esquecimento, para a autora, não é voluntário e as retomadas são essenciais para que os sentidos derivem, instaurando o equívoco e a falha, do que Orlandi destaque que as palavras “são sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras.” (ORLANDI, 2003, p. 36). Ressoa, por meio dessa afirmação, o fato de que as palavras não são indiferentes aos sentidos, ainda segundo a mesma autora, quando salienta que as palavras existem independentemente dos sujeitos, existindo antes e funcionando fora deles.

Além disso, os silêncios também significam através dos não-dito e pelo que fica a dizer. Orlandi (2003, p. 82) define o silêncio como “o não-dito, mas presente”, possibilitando com que o dizer possa ser outro, ecoando no sujeito

(1997, p. 162). De acordo com a mesma autora (1997, p. 70), há, de um lado, o silêncio fundador, no qual os sentidos sempre podem ser outros, sendo essa a própria condição da produção de sentido. O silêncio não é vazio, mas sim, indício de uma totalidade significativa, sendo o “vazio” da linguagem um horizonte e não uma falta. O silêncio fundador não é a ausência de palavras, mas relaciona-se ao que ressoa e significa, apesar da ausência. Ele é contínuo, possibilitando outros sentidos a serem ditos.

O silenciamento ou a política do sentido, segundo a mesma autora, define-se “pelo fato de ao dizermos algo, apagamos outros sentidos possíveis, mais indesejáveis, em uma situação discursiva dada”.(ORLANDI, 1997, p. 75). A política do sentido, divide-se em silêncio constitutivo e silêncio local. No primeiro funcionamento, “uma palavra apaga outras palavras” (Orlandi, 2003, p. 83) e instaura a possibilidade de o sentido sempre poder ser outro, especialmente, quando se usa uma palavra no lugar de outra. Trata-se de um exercício parafrástico, que desenvolvemos a seguir. O segundo funcionamento, o silêncio local, diz respeito à censura, em que determinadas palavras não podem/não devem ser ditas, tendo em vista a filiação do sujeito a determinadas Formações Discursivas.

A paráfrase (estabilização) e a polissemia (deslocamentos) são processos fundamentais para a AD, uma vez que segundo Orlandi (2003, p. 36) “o discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente, o já dito e o a se dizer”, e a autora completa dizendo que “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”, em outras palavras o discurso caminha sempre entre o esquecimento e o novo, permitindo com que os enunciados tenham seus vários sentidos e que o sujeito, a partir de suas ideologias, também signifique no discurso.

Esses funcionamentos, segundo Indurski (2011), encaminham para a memória, como pré-construído (interdiscurso - complexo de formações discursivas) e como memória discursiva (sentidos autorizados pela forma-sujeito em uma dada formação discursiva), pela qual um discurso sempre tem a ver com discursos que já circularam antes em outros lugares.

Nos discursos jornalísticos¹ propostos, analisamos o não- dito a partir dos próprios títulos dos discursos, partindo para textos-imagens nos discursos e o discurso por si mesmo, relacionando-os a redes de memória que se constituem no e pelo interdiscurso, que para Orlandi (2003, p. 82), sustenta o dizer do presente, como um lugar que comporta todos os sentidos, os quais retornam a partir da filiação e inscrição dos sujeitos a FD. O que não é linearizado e que designamos de não-dito, é importante para a interpretação, pois é a partir dele que ressoa no intradiscurso, o que ficou por ser dito, mas foi esquecido ou apagado pelo funcionamento da ideologia, que constitui evidências de objetividade e homogeneidade. Trata-se, de um “efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação” (ORLANDI, 2003, p. 82).

Dessa forma, afirmamos, ancorados nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de vertente francesa, que há um sujeito marcado nos discursos científicos. Não podemos questionar o fato de que a linguagem ser constitutiva do ser humano e o seu funcionamento em contextos sócio-históricos marcados, dos quais resultam determinados efeitos de sentidos e não outros. No que tange ao funcionamento da língua em textos jornalísticos, como afirmamos anteriormente, o sujeito “pensa” que o dizer só pode ser um, o que instaura um equívoco, a falta e a falha, gerando a contradição.

Análise de Discurso dos textos jornalísticos

Em tempo de Copa do Mundo no Brasil, dentre o ano de 2013 e 2014, as principais notícias giram em torno deste tema. Com a decisão do Brasil sediar a Copa, instaurou-se, no país, dúvidas acerca da realização do evento, dando início às manifestações e à busca por mudanças motivadas pelo que ficou conhecido como “Padrão Fifa”, e pela esperança dos torcedores da seleção brasileira conquistar o Hexa Campeonato.

Apesar da pretensa imparcialidade, os sujeitos que se constituem como locutores e que se responsabilizam pelo dizer, são, assim como os demais brasileiros, tomados pelo desejo do Hexa Campeonato, pois se inscrevem como cidadãos-brasileiros e circulam em um mesmo contexto sócio-histórico que o restante da população. Além disso, se coloca no lugar do sujeito-leitor, buscando o que o sujeito-leitor gostaria de ler, instaurando equívocos e rompimentos com o que poderia/deveria ser dito por aqueles que têm, na formação social, uma função bem determinada: informar e destacar a imparcialidade, conforme analisamos, a seguir em duas reportagens da *Revista Veja online*.

Recorte 1 – Títulos das materialidades em análise

Título 1

Brasil, 100 dias para a Copa do Mundo. Sem dias a perder.
Na contagem regressiva para o torneio, confira 100 dúvidas em torno do evento

Título 2

Dilma é só empolgação à espera de sua ‘Copa das Copas’
Presidente voltou a martelar slogan no Twitter -
sem citar atrasos ou problemas

O sujeito para Análise de Discurso ocupa

um lugar social de onde produz seu discurso, ou seja, conforme Orlandi (2003, p. 32) “[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”. O sujeito dos discursos em questão ocupa o lugar social de cidadão brasileiro e deste lugar enuncia, interpelado em sujeito pela ideologia que se materializa em seus discursos.

Na materialidade em tela, pelos títulos ressoam pré-construídos em torno de temas polêmicos que funcionam na atualização do discurso em torno da Copa do Mundo de 2014 e que fazem sentido pelo contexto sócio-histórico em que estamos inseridos, ressoando memórias em torno das manifestações no Brasil no período de 2013 e 2014.

No campo da linguagem, o trabalho do sujeito que assume a responsabilidade pelo que é dito instaura efeitos de incertezas em relação ao sucesso do evento mundial sediado pelo Brasil em 2014. Esse efeito constitui-se pelos jogos entre as palavras 100 (cem) referente aos dias restantes para a Copa do Mundo e a palavra “sem”, que encaminha para o efeito de sentido de evidência de fracasso, já que as obras estavam atrasadas – incompletas nesse período – e não havia mais tempo hábil para que todas fossem concretizadas. Nessa textualidade, o sujeito-locutor, apesar de simular objetividade e isenção, assume a posição-sujeito de quem critica os responsáveis pelas obras.

Por meio desse jogo de palavras o subtítulo “Contagem regressiva”, pode encaminhar o sentido pelo duplo funcionamento da palavra “regressiva” na frase, relacionada ao regresso (remetendo-nos ao Brasil) e, ao mesmo tempo, à contagem dos 100 (cem) dias para a realização do evento. Contagem regressiva instaura, ainda, o efeito de que falta pouco tempo ou de que não há mais tempo, ou de que o tempo se esvai e, no que diz respeito às obras que esse tempo foi mal usado.

No segundo título, o *slogan* da presidente do Brasil em torno da Copa de 2014, “Copa das Copas” encaminha para o contraditório, pois a presidente repete que essa será a copa das copas e não dá visibilidade aos atrasos e problemas. Um possível efeito de sentido é de que a Copa é de inteira responsabilidade da propriedade da presidente. Esse efeito se sustenta pelo pronome possessivo “sua”, ressoando como ironia e crítica, que se sustenta no contraditório, pois ao mesmo tempo que os brasileiros correm para comprar ingressos, assumindo o lado bom do evento, os “problemas” em torno da Copa, principalmente a incompletude das obras. São de responsabilidade de Dilma, que representa o Estado brasileiro. No recorte dois, os problemas são enumerados, constituindo efeitos de que estes “problemas” são tantos que a empolgação da presidente se transforma em mais um problema.

Recorte 2 - Lead da primeira materialidade

O Brasil de 2014 não é tão diferente assim do país que ganhou a oportunidade de ouro de receber o Mundial, em 2007. Uma pena. Nesta reta final, restará aos anfitriões trabalhar duro para evitar algum vexame no evento.

O recorte dois pela relação estabelecida entre o Brasil de 2007 e o Brasil de 2014 sinaliza para efeitos de inércia ou de que nada foi feito, sinalizando para a decepção com o progresso do país. Essa possibilidade de interpretação ancora-se na palavra “regressão”.

Além disso, a posição- sujeito cidadão do jornalista ganha destaque quando revela a preocupação com os vexames, afirmando que será preciso “trabalhar duro” para evitá-lo. A expressão “oportunidade de ouro” instaura o desejo pela vitória, rompendo com a rede parafrástica de inércia, relacionada à palavra “regressão”, isto significa que na mesma FD o sujeito autor pode se posicionar de maneiras diferentes, porém suas

posições- sujeitos determinam o que pode ou não ser dito na determinada FD.

Recorte 3 - Sobre os protestos



Legenda da foto: As manifestações nas ruas contra os gastos excessivos com o evento serão tão grandes quanto as que paralisaram o país em junho de 2013 ou os protestos serão esvaziados pela euforia da Copa?

Os protestos decorrentes da indignação da população brasileira e os efeitos de sentidos em torno de gastos demasiados para a realização da Copa constituem-se, assim como nos recortes anteriores pelo jogo entre ‘cem’ e ‘sem’, em que a primeira refere à contagem regressiva e a segunda sinalizando para ausência. O enunciado “sem copa”, recortada por aquele que se responsabiliza pelo que é dito constitui redes em torno dos gastos excessivos com a copa, a falta de organiza, a miséria que assola o Brasil. Essas redes instauram efeitos de saturação, como se o sentido fosse sempre um. Com isso a heterogeneidade é apagada.

A questão “os protestos serão esvaziados pela euforia na Copa?” Sinaliza para a contradição, pois instaura a separação entre aqueles que se manifestam contra esse evento e ressoa como crítica à população brasileira, quando coloca em dúvida a continuação das manifestações em torno dos direitos da sociedade. Esse efeito de sentido sustenta-se na palavra “euforia” que mobiliza não a alegria ou o orgulho, mas sentimentos passagens

e alheios à resistência, à transformação, fazendo funcionar outros discursos pelos quais o povo é desqualificado.

As redes parafrásticas que constituem efeitos de sentidos de inércia e de falta de politização funcionam juntamente com “oportunidade de ouro”, “amor pelo futebol” da população brasileira, além de pré-construído em torno de “o povo tem memória curta” e “futebol é o ópio do povo”. Enfim, em uma mesma FD funcionam domínios de dois lugares: o da resistência e o da sobreterminação entre a forma-sujeito e o sujeito.

Recorte 4 - As obras da Copa destacadas nas materialidades de análise

As obras 1

Os estádios, ainda
O país da Copa não precisava de doze estádios novos ou completamente reformados. Não precisava sequer de doze sedes - as edições passadas do torneio aconteceram num número menor de arenas. Ainda assim, o Brasil insistiu em erguer ou remodelar esse número exagerado de palcos para a competição. Quase não deu conta da empreitada - a 100 dias da abertura, quatro ainda estão incompletos, e ainda faltam as estruturas temporárias para a Copa em todos os estádios.



Legenda da foto: O palco da abertura, em 12 de junho, estará completamente concluído, inclusive com arquibancadas provisórias, depois dos atrasos no financiamento e do acidente que matou dois operários?

As obras 2

O que ficou só na promessa para o Mundial



Legenda da foto: O Estádio Nacional de Brasília: o custo se aproxima de dois bilhões de reais em verba pública.

O ministro do esporte do governo Lula prometia uma copa totalmente privada, sem uso de dinheiro público nas arenas. Entre as doze sedes do Mundial, porém, só três (São Paulo, Curitiba e Porto Alegre) são empreendimentos particulares - e mesmo essas obras dependem de financiamento de bancos estatais e generosos incentivos públicos.

O texto sobre os estádios seguido da palavra “ainda”, do texto-imagem com estádios incompletos e do discurso em torno dos atrasos no financiamento, explicita a preocupação do jornalista com a demora em relação à concretização das obras, sobretudo, dos estádios, na contagem de 100 dias para o evento, mais uma vez explicitando a posição-sujeito.

Posteriormente, são apresentadas as “promessas” da presidente para a Copa do Mundo com o título “o que ficou só na promessa para o Mundial”, em que o sujeito demonstra seu descontentamento, em torno dos gastos, que afirma terem sido pagos com verba pública, para a concretização da Copa do Mundo no Brasil.

Essas questões dos atrasados e de promessas não cumpridas são repetidas nessas materialidades, por isso ocorre um efeito de saturação que é efetuado pelo trabalho da língua na história, constituindo-se pela relação do que está concretizado, como o caso das obras da Copa,

com o que não está concretizado, como as obras incompletas.

As questões supracitadas (atrasos e promessas não cumpridas), direcionam o sentido encaminhando a interpretação para o mesmo, como se não houvesse efeito de polissemia (o diferente).

Recorte 5 - o futebol retratado nas materialidades

E, enfim, o futebol
Se a organização e a infraestrutura do país preocupam, pelo menos no campo a torcida da casa tem motivos para se animar. Não será fácil, é verdade: seleções poderosas, como Alemanha, Argentina, Espanha e Itália, estão a caminho do Brasil, e supercraques como Lionel Messi e Cristiano Ronaldo estão escalados para o torneio. Mas a equipe do técnico Luiz Felipe Scolari vai brigar pelo título, apostando num empurrão da torcida, na experiência do treinador e no brilho de Neymar.



Legenda da foto: Com a responsabilidade de vestir a camisa 10 da seleção e liderar o time na tentativa de conquistar o hexa, o jovem craque vai corresponder a todas as expectativas dos torcedores brasileiros?

Para finalizar a reportagem, o sujeito utiliza-se da palavra “enfim” remetendo-se ao futebol, com a foto do artilheiro da seleção brasileira denominado de “jovem craque”, o que sinaliza para, apesar das dúvidas em relação ao possível vexame na realização do evento, ao país do futebol resta a esperança do mérito com a conquista do

Hexa Campeonato, afirmando as análises feitas anteriormente.

Finalizando a análise dos discursos selecionados, ressaltamos a importância dos meios de comunicação para a formação do cidadão que está inserido em contextos sócio-históricos específicos e, por isso, assujeitado ideologicamente. Dessa forma, o tratamento dado à ideologia pela Análise de Discurso, tendo em vista o funcionamento do sujeito, não como indivíduo, mas como posição-sujeito e a filiação em formações discursivas, do que se pode dizer que o sujeito não interpreta discursos e nem se manifesta de forma neutra. As possibilidades interpretativas se dão, a partir de três vias, pelo menos, a de quem assume a responsabilidade pelo dizer (o sujeito-autor, interpelado por essa posição), a de um possível-leitor quem lê as materialidades em tela a partir do que o constitui e a posição assumida pelo veículo em que essas materialidades circulam. As três posições e, aquelas que não destacamos a partir do nosso gesto interpretativo, sinalizam para a inscrição dos sujeitos em formações discursivas, o assujeitamento à ideologia e o atravessamento pela ideologia.

Considerações finais

Após análise das reportagens propostas no início deste estudo e, por meio dos fundamentos teóricos defendidos pela Análise de Discurso de vertente francesa em torno do sujeito, das formações discursivas, da ideologia e das memórias, compreendemos a língua enquanto heterogênea e o assujeitamento do sujeito, enquanto formador e receptor do discurso, partindo também do não-dito, mas presente nos discursos.

A língua fala e o sentido não se encontra apenas no texto, mas sim se utiliza do texto enquanto unidade de análise e depende do contexto sócio-histórico, das condições de produção e de circulação do discurso, podendo

sempre ser outro, mas não qualquer um.

Uma constatação interessante é que apesar desse discurso encaminhar para a homogeneidade e para a imparcialidade, inerentes ao texto jornalístico, há um sujeito- autor que ocupa, na formação discursiva, um papel de cidadão brasileiro e, que se filia ideologicamente, encaminhando para o consenso, apagando a natureza heterogênea e falha da língua.

Discursivamente, os efeitos de sentidos encaminham para possibilidades e não para o fechamento, pois o sujeito, assim como o discurso, é heterogêneo e aberto, mas significa por filiações e de acordo com contextos sócio-históricos, que de certa forma direcionam o que se pode ler/ interpretar/compreender.

Referências bibliográficas

INDURSKI, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, Freda; MITIMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristine Leandro. **Memória e história na/da análise de discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1986

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003. 5. Ed.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 2009.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2006.

Artigo enviado em: 18/12/2014

Aceite em: 02/04/2015